

OBJETIVO

Realizar um breve resgate histórico da Psicologia da Educação, entendida como ciência interdisciplinar, bem como suas possíveis implicações pedagógicas.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A Psicologia no Brasil esteve comprometida, historicamente, com os interesses das elites brasileiras. Em sua formatação tradicional, tal disciplina se desenvolveu e fundamentou-se em concepções universalizantes e naturalizantes da subjetividade. Nessa perspectiva, a visão liberal pensa o homem, a partir da noção de natureza humana. Dessa forma, a Psicologia enquanto ciência do mundo interno ou como estudo da alma é superada por uma Psicologia que estuda o comportamento integral do sujeito.

Sendo assim, defendemos a Psicologia enquanto forma de compromisso social a favor de todas as camadas sociais. É importante enfatizar, nesses termos, a contribuição da Psicologia da Educação na luta pela consolidação de políticas públicas voltadas à Educação para todos. Tal proposta respalda-se em princípios que envolvem o compromisso social e o respeito à diversidade, bem como os Direitos Humanos, a fim de compreender a complexidade do sistema educacional atual e buscar uma educação de caráter universal.

Até os anos 80, a Psicologia da Educação buscava respostas ao fracasso escolar dentro da própria criança, desvinculando os motivos das questões sociais, das condições da escola e da competência do professor.

Em uma etapa subsequente, as pesquisas na área apontaram um conhecimento teórico e prático diferenciado, possibilitando entender como uma criança aprende e quais as condições que facilitam a aprendizagem. Nesse sentido, reconhecemos a necessidade de democratizar tal conhecimento, grande vínculo que deve existir entre todos os educadores das mais diferentes áreas do saber.

A Psicologia, como um processo histórico de constituição do espaço psicológico, espaço em que os projetos de saberes e atividades a serviço do avanço científico, artístico e literário foram formulados, vislumbra um movimento de abertura de novos e infinitos espaços e perspectivas para a existência do homem. Nessa medida, o referido processo promoveu um avanço da consciência reflexiva dos indivíduos, tornando-os sujeitos na vida social.

A constituição de um sujeito epistêmico deveria ser a de um o sujeito consciente de si e de sua vontade, atuando no mundo. Sendo assim, Piaget e Inhelder (1978) destacam a “importância da afetividade, energética das condutas” (p. 135), na busca do desenvolvimento integral do ser humano.

INTERLOCUÇÃO NAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

A Psicologia interage com outras ciências tais como: a Medicina, a Biologia, a Filosofia, a Genética, a Antropologia, a Sociologia, além da Pedagogia. Esses ramos do conhecimento estão imbricados uns nos outros, de tal forma que, muitas vezes, é difícil saber em que domínio se está atuando. Tanto o médico quanto o psicólogo tem interesse

em entender o efeito das drogas, doenças ou carências alimentares sobre o crescimento e o desenvolvimento dos sujeitos, bem com as alterações que estas provocam, do ponto de vista físico e psicológico, em todo o ser humano. Nesse sentido, a Psicologia pode buscar dados e informações na Medicina e vice-versa. **A Psicologia da Educação é, portanto, uma ciência interdisciplinar e transdisciplinar.**

Da Biologia, a Psicologia recolhe subsídios para compreender aspectos particulares das diversas formas de vida: vegetal, animal e humana. O interesse está em conhecer as modalidades de adaptação que lhes permitem a sobrevivência. Dessa forma, será possível, dentre outros aspectos, assegurar o conhecimento das diferenças entre a ação caracterizada por reflexos ou por instintos (que são específicos da espécie, biologicamente, herdados e, até certo ponto, invariáveis, embora sejam poucos) e a que demonstra inteligência, ou seja, intencionalidade. Outros comportamentos como os que ocorrem na deficiência mental (que são, ao menos parcialmente, hereditários) podem ser melhor compreendidos com o auxílio da Genética.

A Fisiologia proporciona o entendimento da relação entre o comportamento de jovens e velhos e as alterações físicas e psicológicas que marcam a entrada na adolescência e na velhice, em grande parte, determinados pela atividade das glândulas endócrinas e pela bioquímica do sistema sanguíneo. Os sentimentos, a maneira de perceber o real e a significação que se dá a um ou outro evento parecem variar dependendo do grupo étnico, religioso ou socioeconômico do qual se faz parte. Por isso, os dados da Antropologia e da Sociologia são indispensáveis para o estudo da personalidade e do desenvolvimento das características sociais.

Ao se dedicar ao estudo de tantos e diferentes aspectos, a Psicologia desenvolve campos de investigação mais específicos e delimitados. Para a Educação, importam os conhecimentos advindos da Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, fundamentais no processo de formação de professores.

IMPLICAÇÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A Psicologia da Educação contribui para que a escola ou instituição educacional seja um espaço democrático de acesso ao saber histórico e socioculturalmente constituído e da produção de novos saberes com sabores de prazer, de alegria, de leveza, de desejo de conhecer e de paixão pela vida.

Rubem Alves (1994) afirma, no seu livro *Alegria de Ensinar*, que tanto a criança como o adolescente, com seus olhares tristes, suplicam: “por favor, me ajudem a ser feliz!” (p. 52). O autor também pontua que o verdadeiro mestre é aquele que ensina a ser feliz e que, sem alegria, todo o potencial do estudante jaz adormecido. No mesmo livro, o autor sugere que todo professor deve ser um pastor da alegria.

Na escola, trata-se de conhecer alegrias diferentes das da vida diária, aspectos que sacodem, interpelam, a partir do que os estudantes mudarão algo em sua vida, darão um novo sentido a ela. Se é preciso entrar na classe, é por que, no pátio, os alunos não atingem o grau mais elevado de liberdade nem de alegria.

Snyders (1988, p.15-19) propõe uma profunda reflexão para renovar a Pedagogia a favor de todos os estudantes em que haja satisfação cultural no âmbito escolar. Uma

reflexão em conjunto sobre a pedagogia, com vistas a sua renovação, não diz respeito somente aos estudantes mais jovens ou aos mais rebeldes ou aos mais “desfavorecidos”. Quero definir a Pedagogia como a área que se esforça para conduzir os estudantes para transformar a escola, afim de que esta coloque a satisfação cultural escolar em primeiro plano de suas preocupações.

Agnes Heller (1982), em seu livro *Teoría de los sentimientos*, afirma que a “afetividade é estar implicado em algo, estarmos empolgados, envolvidos por inteiro” (p. 34). Nesse contexto, surge a necessidade de resgatarmos o espaço dos prazeres e dos sabores nos saberes, o que faz parte de um novo imaginário social no processo de subjetivação dos professores.

As relações entre os homens se caracterizam por constituírem sentidos e, dessa forma, procuramos compreender como tal processo funciona, a fim de entender de que modo o sujeito se significa nessas relações.

No seu livro *Cidade dos Sentidos*, Orlandi (2004) convida-nos a uma reflexão, destacando que o sujeito, a história e a língua se constituem em uma relação particular que é a relação de significação: “As relações entre os homens são relações de sentido e procuramos compreender como isso funciona produzindo efeitos de tal modo que, ao significar, o sujeito se significa” (p.149).

Por estarem na escola e desempenharem papéis nesse espaço, as figuras do estudante e do professor já apresentam sentidos. A escola, por sua vez, se constitui como o lugar de significação (de interpretação), em que sentidos já estão postos e funcionando antes mesmo que X ou Y entrem nela (professor – aluno). Nesse contexto, buscamos compreender como o simbólico, confrontando-se com o político, configura sentidos para e na cidade e como a Escola faz parte dessa ordem de significação.

Eni Orlandi (2001) salienta a importância da linguagem como espaço em que os sujeitos produzem sentidos. Tal proposta pressupõe a consideração da ideia de diálogo como reflexo da situação social, uma vez que está na base de qualquer reflexão sobre linguagem. Dessa forma, Orlandi (2001), instiga-nos a refletir, afirmando que **a relação de interação (leitor/texto/autor), na escola, tem como mediador o professor.**

Nesse contexto, quando o saber do professor e seus objetivos são dominantes em relação aos do estudante, uma relação heterogênea e assimétrica é configurada. Em primeiro lugar, é necessário que se considere que a leitura é produzida e, em segundo, que se atente às duas condições, as quais, certamente, serão diferentes, não só no que diz respeito às distinções de classes sociais e de ideologias, mas também à história pessoal e de grupos, etc. Há ainda outro aspecto a ser considerado: “[...] a imprevisibilidade (a história de leituras do leitor). Há algumas leituras previstas, mas há muitas leituras possíveis. Ou seja, as leituras têm suas histórias no plural” (p. 161).

Acreditamos que, no cotidiano da sala de aula, os professores devem levar em conta a heterogeneidade das diferentes culturas, motivações, valores, sentimentos, que permeia e se manifesta através da linguagem, da memória dos estudantes, dos pais, dos gestores e da própria sociedade. Isso porque o sujeito deve constituir-se de maneira autônoma, consciente de si, deve ser qualificado e competente para atuar em um mundo de inúmeras representações.

A Psicologia da Educação é uma ciência interdisciplinar aberta à prática de pesquisa transdisciplinar, capaz de circular afetando e sendo afetada por outros saberes. É indispensável que se estabeleça uma interface com a Literatura, com as obras de arte, com a meditação filosófica, com os estudos históricos, antropológicos, psicobiológicos e etológicos.

Realmente, uma busca interminável, uma vida muito interessante e sempre em movimento dos profissionais da educação.

Referências

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Poética, 1994.

BRUNNER, J. **Uma nova teoria da aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CASTRO, Amélia Americano Domingues de. O jogo simbólico na teoria de Piaget . In: ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. et al. (orgs.). **Um olhar construtivista sobre educação**. Campinas, SP: R. Vieira, 2001.

COLL, C. etal. **Desenvolvimento psicológico e educação** . Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.

MARQUES, J. C. **Psicologia educacional** :contribuições e desafios . Porto Alegre: Globo, 1980.

MENDES, G. **O desejo de conhecer e o conhecer do desejo** : mitos de quem ensina e de quem aprende . Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MORGADO, M. A. **Da Sedução na Relação Pedagógica**. São Paulo: Plexus, 1995.

ORLANDI, Eni P. **Cidades dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

SNYDERS, A. **Alegria na escola**. Portugal: Manole, 1988.

Sugestão de leitura do artigo: “ [O papel do professor: guiar o aprendizado](#) ”.